



MEIO SÉCULO DE ARQUITETURA: Um panorama da produção residencial modernista natalense de 1930 a 1980.

MEDIO SIGLO DE ARQUITECTURA: Un panorama de la producción residencial modernista de Natal de 1930 a 1980.

HALF CENTURY OF ARCHITECTURE: A panorama of Natal's modernist dwelling production from 1930 to 1980.

MARIA HELOÍSA ALVES DE OLIVEIRA (1); EDJA BEZERRA FARIA TRIGUEIRO (2)

1. Mestranda PPGAU- UFRN.
Campus Universitário Lagoa Nova – CEP 59078-970
mhalves.arq@gmail.com

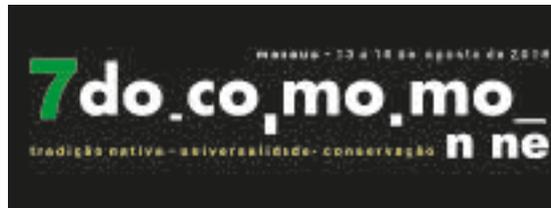
2. PhD (Bartlett School, UCL, University of London). Professora Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.
Campus Universitário Lagoa Nova – CEP 59078-970
edja_trigueiro@ct.ufrn.br / edja.trigueiro@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama da produção residencial modernista natalense dos anos 1930 a 1980, a partir do esforço de sistematização e análise de registros de edifícios que compõem um repositório coletado pelo grupo de pesquisa MUa- UFRN. 165 casos, dentre os edifícios registrados, foram selecionados para a classificação morfológica que embasou a dissertação “Meio Século de Arquitetura: um panorama da produção modernista natalense (1930-1980) em um repositório de estudos disciplinares” (Oliveira, 2018), na qual o conjunto selecionado foi classificado em quatro grupos. Em um primeiro momento (1940-1950) residências ainda marcadas por tendências ecléticas, apresentam elementos compositivos característicos do léxico formal modernista. Na década seguinte, se inicia a disseminação dessa linguagem, sobretudo quanto à exploração de possibilidades plásticas do concreto armado. Nos anos 1960 e 1970, as características do período anterior passam a dar lugar a fachadas marcadas pela separação entre estrutura e vedação e pela “economia” de elementos formais. Nos anos 1970 e 1980 consolida-se essa morfologia, evidenciando-se os elementos construtivos, o destaque da ossatura, e telhado aparente. Também se identificam residências nas quais são retomados elementos coloniais de fachada – telhados tipo capa e canal com beirais aparentes, arcos abatidos ou plenos, e elementos decorativos diversos – ainda que a organização espacial dessas casas continuem a obedecer preceitos modernos.

Palavras-chave: Arquitetura moderna; produção residencial; panorama; Natal-RN.

RESUMEN



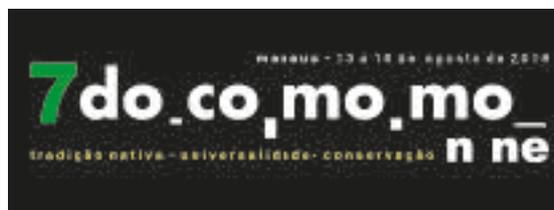
Esta investigación presenta un panorama de la producción residencial modernista de Natal de 1930 a 1980 a partir del esfuerzo de sistematización y análisis de registro de edificios que componen un repositorio recogido por el grupo de investigación MusA- UFRN. 165 casos, entre los edificios registrados, fueron seleccionados para una clasificación morfológica que embasó la disertación “Medio Siglo de Arquitectura: Un panorama de la producción modernista de Natal (1930 a 1980)” (Oliveira, 2018) en la cual el conjunto seleccionado fue clasificado en cuatro grupos. En un primer momento (1940-1950) las residencias son marcadas por tendencias eclécticas, y presentan elementos compositivos característicos del lenguaje modernista. En la década siguiente, se inicia la diseminación de ese lenguaje, sobre todo en lo que se exploran las posibilidades del hormigón armado. En los años 1960 y 1970, las características del período anterior, comienzan gradualmente a dar lugar a fachadas marcadas por la separación entre estructura y sello, en una "economía" de elementos compositivos. En los años 1970 y 1980 se consolida esta morfología, que se evidencian los elementos constructivos, el destaque de la estructura, y el techo aparente. También se identifican residencias designadas como “coloniosas” (Aldrigue, 2012), de las organizaciones espaciales modernas, pero retomando elementos coloniales en su fachada, como techos de teja colonial, arcos rebatidos o plenos, y elementos decorativos - aunque la organización espacial de esas casas continúe obedeciendo preceptos modernos.

Palabras clave: Arquitectura moderna; producción residencial; Panorama; Natal-RN.

ABSTRACT

This paper presents a panorama of modernist residential production built in Natal (Brazil), from the years 1930 to 1980, stemming from the systematization and analysis of building records that make up a repository collected by participants of the research group in morphology and uses of architecture - MUAs (Morfologia e Usos da Arquitetura)-UFRN. 165 cases, amongst the recorded buildings, were selected for the morphological classification that founded the dissertation “Half a century of architecture: a panorama of modernist production in Natal, Brazil (1930-1980) within a coursework repository” (Oliveira, 2018), in which the selected cases was classified in four groups. In an initial moment (1940-1950), residences that still bear marks of eclecticism, display composition attributes pertaining to the modernist formal lexicon. In the following decade, this language disseminates, especially in what concerns the exploration of the plasticity of reinforced concrete. In the 1960s and 1970s, features of the previous period make space for facades marked by the setting apart of structure and enclosing walls and by an “economy” of formal elements. In the 1970s and 1980s this morphology becomes consolidated with constructive attributes, such as the structural skeleton and the exposed roof, being further stressed. At that time, formal elements inspired in Brazilian colonial architecture can also be found – exposed ceramic roof tiles of the convex and concave interlocking type, segmented and semi-circular arches, varied decorative pieces – although the spatial organisation of these houses remain affiliated to modern principles.

Keywords: modern architecture; residential production; panorama; Natal-RN – Brazil.



Introdução

Este artigo apresenta um panorama da arquitetura modernista residencial produzida na cidade de Natal-RN entre os anos 1930 e 1980, a partir do esforço de sistematização de um repositório de dados coletado desde os anos 1990 pelo grupo de pesquisa MusA (Morfologia e Usos da Arquitetura) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

São trabalhos disciplinares desenvolvidos para as disciplinas de História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo II e III, orientados sobretudo pela professora Edja Trigueiro, que reúnem informações gerais sobre as edificações, como logradouro, ano de construção e autoria do projeto; e dados imagéticos, como fotografias e desenhos técnicos. Refletem o olhar dos discentes para a produção arquitetônica local de maior ou menor notoriedade, dando origem a um repositório de 137 títulos sobre arquitetura moderna, que podem abordar um exemplar ou um conjunto deles. Arquivados inicialmente em um armário ao longo dos anos, com o trabalho de bolsistas de iniciação científica, passaram a ser sistematizados em meio digital, com o objetivo de transpor os limites físicos do grupo de pesquisa e alcançar pesquisadores, como ilustra a figura a seguir.

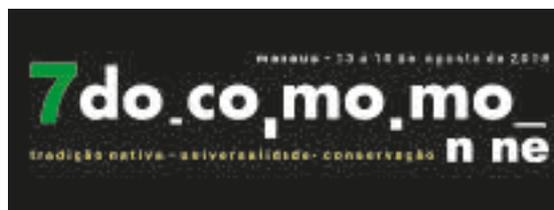


Figura 1: Repositório MUa.

Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fontes disponibilizadas pelo repositório virtual da MusA-UFRN.

A existência de uma documentação tão rica e a possibilidade de explorá-la apontou caminhos para a construção de um panorama da arquitetura moderna natalense a partir do que foi catalogado pelo grupo de pesquisa em pelo menos duas décadas, além disso, almeja-se dar visibilidade aos anos de pesquisa dedicados a esta produção que destaca-se por sua qualidade projetual e construtiva a par do que se produziu na região e no país. Nesse sentido, a dissertação “Meio Século de Arquitetura: um panorama da produção modernista natalense (1930-1980) em um repositório de estudos disciplinares” (Oliveira, 2018), reúne os registros existentes no grupo de pesquisa MusA, com o objetivo de apresentar um panorama sobre o que foi documentado. São 137 trabalhos disciplinares que abordam 222 manifestações modernas, sendo eles 165 casos residenciais, os quais serão discutidos neste artigo, classificadas em grupos a partir de uma análise morfológica.

Para o reconhecimento dos casos tomou-se como ferramenta as fichas catalográficas (Figura 2), que reúnem em formato padrão diferentes registros, informações gerais de identificação como logradouro, autoria e ano de construção; fotografias; e desenhos



técnicos. A ficha adotada baseia-se na utilizada pelas pesquisadoras paraibanas Kaline Guedes e Nelci Tinem (2013), que segue modelos utilizados pelo DOCOMOMO, e é capaz de contemplar diversos tipos de registro, permitindo ao pesquisador a visualização do material disponível.

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO
OBRAS MODERNAS EM NATAL

Legenda Material, Data e Espaço

- Material: Verde
- Data: Amarelo
- Espaço: Azul
- Material: Vermelho
- Data: Laranja
- Espaço: Roxo

EDIFÍCIO SISMA CAIXA 3

| | | | | |
|---------------------------------------|--|---|-----|-------|
| 1. Identificação da Edificação | | | | |
| 1.1 Identificação atual | Edifício Sisma |  | | |
| 1.2 Identificação original | Edifício Sisma | | | |
| 1.3 Endereço | Rua João Pessoa, 219 | | | |
| 1.4 Bairro | Centro-Alta | | | |
| 1.5 Artista, arquitetura | Arquiteto | | | |
| 1.6 Status de preservação e data | Patrimônio | | | |
| 2. Histórico da Edificação | | | | |
| 2.1 Proprietário original | Arquitetos, Gerente e Comercial (patron) | | | |
| 2.2 Data: projeto/construção | 1967 | | | |
| 2.3 Arquiteta/Projetista | Engenheiros Dianna Alvor G. de Holanda e Clóvis Gonçalves dos Santos | | | |
| 2.4 Condições atuais | Preservado | | | |
| 3. Documentação | | | | |
| 3.1 Referências principais | Os edifícios modernos verticais do Estado de Ceará (Ca. E. H.T.A. S. Associação para a Alta-Moradia, 2003) | | | |
| 4. Estado de Conservação | | | | |
| 4.1 ID (paredes, portas, janelas) | Intactos | Boa | Boa | Ótima |
| 4.2 ID (pinturas) | Intactos | Boa | Boa | Ótima |
| 4.3 Instalações | Intactos | Boa | Boa | Ótima |
| 4.4 Teto | Intactos | Boa | Boa | Ótima |
| 4.5 Osmose/Insetos | | | | |
| 5. Fotos | | | | |





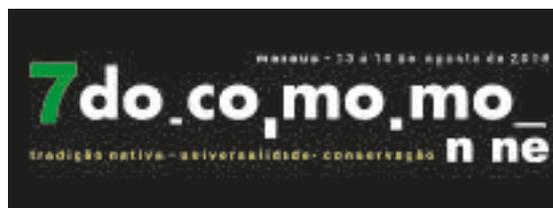
6. Desenhos
Planos, Seções e Vistas







Figura 2: Ficha catalográfica adaptada para a pesquisa.
Fonte: Elaborado pela autora (2017)



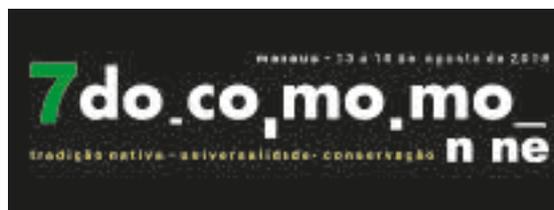
Neste processo, chegaram-se a 222 fichas completas, e reconhecidos os casos, partiu-se para a classificação, quando foram adotados os “quadros de critérios valorativos”, método de análise morfológica inicialmente desenvolvido pelo grupo de pesquisa MUsA¹, que circunscrevem-se em seis categorias analíticas: (1) Relação do edifício-lote-quadra-entorno; (2) Caixa mural/ volumetria; (3) Estrutura/ aspectos construtivos; (4) Aspecto espacial; (5) Soluções/ adaptações climáticas; (6) Outros elementos. Cada categoria é composta por critérios analíticos capazes de distinguir a boa produção modernista, que foram elencados a partir de revisão bibliográfica sobretudo do tema da arquitetura moderna do Nordeste: são autores como Naslavsky (2012), Araujo (2010), Queiroz e Rocha (2014) e Pereira (2008), por exemplo. A classificação dos exemplares considerando os quadros de critérios valorativos geraram quatro grupos morfológicos, que se expressam em quatro recortes temporais: anos 1930-1950; 1950-1960; 1960-1970 e 1970-1980.

Os grupos morfológicos definidos compreendem intervalos de duas décadas ou mais, pois as características definidoras de cada grupo podem transitar num intervalo maior de tempo, ou seja, em décadas distintas, mesmo que concomitantemente surjam novas características ou tendências. Além disso, a definição dos grupos considera aspectos morfológicos comuns, e a classificação dos casos contempla suas características formais à frente de sua temporalidade, ou seja, é possível que um exemplar seja classificado como pertencente a um grupo mesmo que não tenha sido construído no recorte temporal estabelecido para esse grupo. É possível assim identificar manifestações precoces ou tardias relativamente aos recortes temporais definidos.

Anos 1930-1950

O primeiro grupo morfológico, compreendido pelo recorte temporal de 1930 a 1950, classifica 31 casos residenciais que primeiro intencionam trazer o léxico formal

¹ Pelas pesquisadoras Edja Trigueiro, Bárbara Marinho, Maria Heloísa Alves e Nathália Pinheiro, e publicado em artigo para o 5º DOCOMOMO Norte/Nordeste, com o título “Arquitetura moderna natalense: critérios valorativos para a classificação de novos ícones”.



moderno às suas morfologias, e se expressam pela linguagem protomoderna, pois transitam entre as tendências ecléticas, mas adotam gradualmente uma economia de elementos compositivos característicos movimento moderno. Diferenciam-se por um hibridismo de atributos: é comum identificar a platibanda ornamentada, herança do ecletismo; os elementos escalonados remetendo ao Art Déco; ou estruturas modernas como o pilar em “V”. Com relação aos aspectos espaciais, em geral trazem características da moradia eclética, como a comunicação entre áreas íntimas e sociais, a distribuição dos usos considerando a frente e os fundos do lote, e os terraços, intermediando a relação entre a casa e a rua; mas também apresentam elementos que passam a ser disseminados na moradia moderna, como a planta setorizada segundo uso dos ambientes, e a garagem, por exemplo.

No âmbito da relação com o lote, verifica-se que em lotes mais amplos como os situados em Tirol e Petrópolis, originalmente Cidade Nova, primeiro bairro planejado de Natal que seguia recomendações construtivas determinadas pelo município, observa-se que as residências apresentam recuos frontais e laterais; enquanto no bairro da Cidade Alta, com lotes de dimensões reduzidas, registram-se recuos frontais ou até a ausência deles. A residência da Av. Hermes da Fonseca, número 96, situada no bairro de Tirol (Figura 3), é um exemplar desse hibridismo de características: de fachada marcada pela tendência Art Déco, também carrega preceitos modernos: se insere no lote seguido com amplos recuos, apresenta acesso para a garagem, e terraço (já disseminada na tendência eclética).



Figura 3: Residência localizada da Av. Hermes da Fonseca, 961, Tirol (1930)

Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Andrea Melo et al (1999) e Anna R. B. Eduardo (1998).

Também destacam-se neste grupo exemplares que inauguram a adoção de elementos do léxico formal modernista nas caixas murais, como os pilares em V, telhados em empenas trapezoidais, elementos vazados como cobogós, lajes planas e a progressiva adoção das janelas em fita, conforme figura a seguir.



Figura 4: Casas das ruas Borborema, 1028 e Cons. Brito Guerra, 1314: exemplos da adoção de elementos formais modernos nas caixas murais.

Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Cirne et al (2000) e Souza (2009).

Além disso, esses exemplares protomodernos já apresentam em suas configurações espaciais características da moradia moderna, como a setorização, ou seja a distribuição espacial dos ambientes conforme tipo de uso; corredores que distribuem os fluxos; e a variedade de acessos ao exterior. Porém ainda estão presentes aspectos da moradia eclética, como a área de serviço situada nos fundos do lote, segregada do corpo da edificação, e a garagem também localizada nos fundos, como nos casos das residências das ruas Conselheiro Brito Guerra, 1314, e Borborema, 1028, conforme Figura 5:



Figura 5: Residências protomodernas que já trazem aspectos modernos na espacialidade.
Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de plantas baixas e fotografias disponibilizadas por Souza (2009) e Cirne et al (2000).

Anos 1950-1960

Na década seguinte, se inicia a disseminação do repertório formal moderno, exploram-se as possibilidades do concreto armado, “material dócil e generoso a todas as nossa fantasias” (Niemeyer em “Crítica...” 1955, p.47). São elementos estruturais como pilares, vigas e marquises, por exemplo, comuns nos primeiros casos de habitação modernista da região Nordeste, como também cobertas desencontradas em asas de borboleta, estruturas independentes, jogos de planos, rasgos horizontais e outros elementos presentes na obra de Oscar Niemeyer e difundidos pela Escola Carioca (Naslavsky, 2012). Na residência da Av. Alexandrino de Alencar, 864, é possível observar estruturas que exploram dessas possibilidades plásticas do concreto, a caixa mural é marcada pela presença do pilar em V, brises delgados que compõem a platibanda, além da marquise curvilínea em balanço (Figura 6).



Figura 6: Residência da Av. Alexandrino de Alencar número 864, explora a plasticidade do concreto armado na fachada.

Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Melo et al (1999).

Neste grupo morfológico foram classificados 61 residências, em geral os implantadas de maneira independente ao lote, e em sua maioria trazem ao menos recuos frontais, que distanciam a fachada da rua, favorecendo, inclusive, à “promenade architecturale”, através de passeios e rampas que conduzem o visitante ao interior da residência. Destaca-se também o aspecto de integração do meio externo com o interno, e a fluidez (espacial e/ou visual) entre espaços interiores e exteriores, também observada na residência da Av. Alexandrino de Alencar, 864.

Com relação aos aspectos espaciais, além do aspecto da setorização da planta baixa, as residências se destacam por trazer uma variedade de acessos ao exterior, com duas ou mais entradas distintas, de acordo com as atividades social ou de serviço, aspectos verificados na casa da Rua Joaquim Manoel, 731 (Figura 7).

Segundo Queiroz e Rocha (2014), a moradia moderna traz em sua implantação a preocupação com os aspectos climáticos, quando o setor íntimo volta-se para as porções leste e sul do lote, buscando os ventos dominantes e estando afastado da rua, visando o conforto acústico dos cômodos. Este aspecto é observado nas moradias estudadas, a exemplo da residência da Rua Joaquim Manoel, 731 (Figura 7). Também se verificam nos casos a presença dos cobogós e brise-soleils que contribuem no conforto ambiental, mas também compõem as caixas murais.

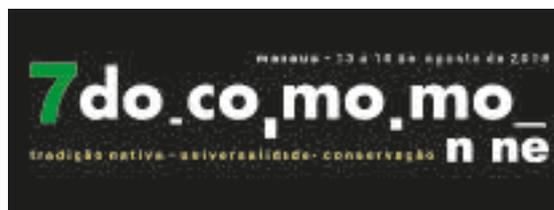


Figura 7: Setorização, variedade de acessos ao exterior e implantação considerando os aspectos climáticos verificados na residência da Rua Joaquim Manoel, 731. Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografia e planta baixa disponibilizadas por Gurgel, Queiroz, Brito e Cavalcanti (2006).

Anos 1960-1970

O grupo morfológico dos anos 1960 e 1970, que classifica 37 residências, passa a se caracterizar por transitar entre o léxico formal da escola carioca e pela gradual adoção de uma caixa mural que evidencia a separação entre estrutura e vedação, numa “economia” de elementos compositivos.

Deixam-se de lado as empenas trapezoidais e as estruturas de formas curvilíneas como as disseminadas entre os anos 1950 e 1960, nota-se neste momento que a construção tende a uma “simplificação” volumétrica: a disseminação de volumetrias em paralelepípedo ganha protagonismo, como também a utilização de materiais aparentes nos revestimentos, como tijolos, concreto e pedra, por exemplo. Encimando a volumetria, encontram-se as coberturas visualmente planas (cobertas por telhas, pois as lajes não possuíam impermeabilização satisfatória), as vezes acompanhadas pela “platibanda beiral”, platibanda larga que também é beiral. Compondo a caixa mural também se destacam no período os muros baixos (ou até a ausência deles), podendo ser acompanhados por gradis. A figura a seguir ilustra casos classificados neste grupo



morfológico, caracterizados sobretudo pela forma em paralelepípedo, encimados por lajes robustas e acompanhados pelos muros baixos:



Figura 8: Exemplos que demonstram a utilização da “platibanda-beiral” no grupo.
Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas pelo Acervo MUsA.

Anos 1970-1980

Neste grupo de classificação, observa-se a consolidação da morfologia que vem se estabelecendo desde o grupo anterior, evidenciando na caixa mural os elementos construtivos, como o destaque da ossatura, por exemplo. Também observa-se o híbrido entre a utilização de tecnologias modernas e um conjunto de referências à heranças do passado nas soluções formais, como a popularização do telhado aparente, podendo ser em telha do tipo fibrocimento, a exemplo das residências das residências da Rua Henry Kostner, 103 e Rua Miguel Barra, 760 (Figura 7), ou colonial; e também se registra a ampla utilização da madeira, em esquadrias e guarda-corpos, por exemplo.



Figura 9: Popularização do telhado aparente: residências da Rua Henry Kostner, 103 e Rua Miguel Barra, 760.

Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Faria et al (2000) e Galvão (2000).

Também se reconhecem manifestações residenciais que carregam referências da tendência brutalista, com a utilização do concreto aparente, destaque dos elementos estruturais nas caixas murais e coberturas robustas, por exemplo, como vistos nas residências da Rua João Alves da Silva Filho, sn, e número 762 (Figura 10).



Figura 10: Coberturas em laje aparente remetendo a linguagem brutalista. Rua João Alves da Silva Filho, sn, e número 762 da mesma rua.

Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Cerqueira (2000) e Correia et al (1999).

São 36 casos representativos deste grupo, e dentre eles destacam-se aqueles designados como “coloniosos” (Aldrigue, 2012), de organizações espaciais modernas, mas que retomam elementos coloniais em sua fachada, como os telhados de telha colonial, arcos rebatidos ou plenos, e elementos decorativos, a exemplo das residências situadas nas ruas Vereador João da Silva Filho, 759; Mipibu, 758; Trairi, 538; Amaro Magalhães, 721 (Figura 11).

Estas residências estavam em moda nos anos 1970 e 1980 em Natal, e por algum motivo nunca lograram ser consideradas propriamente modernas. A escassez de material sobre essas manifestações também pode ser associada ao seu principal período de

difusão ter sido a década de 1980. Os trabalhos disciplinares que embasam essa pesquisa passam a ser desenvolvidos a partir dos anos 1990, e provavelmente a produção dos anos 1980 ainda era considerada recente, e diante da dificuldade em compreender se a produção “coloniosa” era propriamente moderna ou não, tem-se um vazio de documentação desses casos.

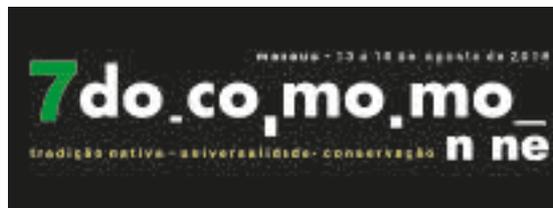


Figura 11: Exemplares com referências coloniais na caixa mural. Residências das ruas Vereador João da Silva Filho, 759; Mipibu, 758; Trairi, 538; Amaro Magalhães, 721. Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Correia et al (1999) e Gurgel et al (2006).

Considerações Finais

A partir da década de 1930 a linguagem moderna começa a figurar a produção residencial natalense. Gradativamente abandonam-se os estilemas ecléticos que caracterizam a produção da virada do século, e caminha-se para a adoção de caixas murais simplificadas. Nesta fase se assiste a popularização de soluções formais que mais tarde se consolidam na linguagem moderna: edifício recuado no lote, volumes prismáticos, adoção do concreto armado, e popularização de soluções de conforto ambiental.

A arquitetura residencial a partir dos anos 1950 carrega elementos herdados da escola carioca, como estruturas que tiram proveito das possibilidades plásticas permitidas com a difusão do concreto armado, e verifica-se um “alubrimento” com tais possibilidades refletida numa abordagem estética que caracteriza a produção, num reflexo da



repercussão da construção de Brasília na mesma década, que amplia a receptividade do novo estilo por parte da população (Trigueiro, Cappi e Nascimento, 2010).

Neste momento se assiste uma transformação na morada natalense, pois o modo moderno de arquitetura considera um conjunto de aspectos no fazer arquitetônico que altera a relação do usuário com a edificação. Segundo Trigueiro e Medeiros (2007) as transformações espaciais na estrutura das planta das residências, indicam mudanças sociais para uma sociedade mais urbana. Estas transformações expressam-se na permeabilidade visual entre o espaço privado e público, na valorização das áreas sociais e na presença de acessos para automóveis, por exemplo.

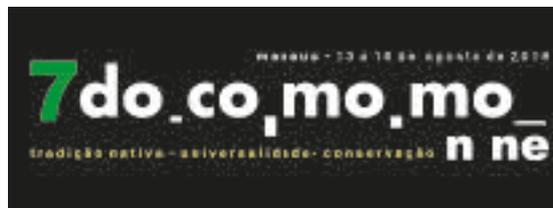
Nos anos 1960 e 1970 verifica-se o início do desenvolvimento de um raciocínio projetual que evidencia a racionalidade no processo construtivo, com ênfase em soluções arquitetônicas adaptadas ao clima local. A utilização de elementos vazados, das aberturas protegidas da incidência solar direta, ou a implantação da residência considerando condicionantes climáticos, convenciam ainda mais a população sobre a adoção da arquitetura moderna como forma de morar, indo além do aspecto da novidade formal.

Os quatro episódios da arquitetura moderna natalense apresentados nesta pesquisa revelam congruências tanto com a produção regional quanto com a nacional, e através da análise morfológica dos casos, se pode vislumbrar um ciclo arquitetônico modernista, caracterizado pela introdução, consolidação e desenvolvimento dessa linguagem projetual.

Referências

ALDRIGUE, Maryá de Sousa. **Aparências da forma e forma do espaço: análise da configuração espacial de residências unifamiliares dos anos 1970 em João Pessoa – PB.** 2012. 260 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ARAÚJO. Ricardo Ferreira de. **Arquitetura Residencial em João Pessoa-PB: A experiência moderna nos anos 1970.** 2010. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.



“CRITICADA a Arquitetura Brasileira: Rica Demais – Dizem”. 1955. Módulo, Rio de Janeiro, (1): 46-47, mar.

GUEDES, Kaline Abrantes. TINEM, Nelci. **Documentando o patrimônio moderno: informação e visibilidade.** 3 seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte. 2013.

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura Moderna no Recife, 1949-1972.** 1a. ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012. v. 01. 150p.

OLIVEIRA, Maria Heloísa Alves. **Meio Século de Arquitetura: um panorama da produção modernista natalense (1930-1980) em um repositório de estudos disciplinares.** 2018. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa (1956-1974).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos, 2008.

QUEIROZ, Marcus Vinícius Dantas de. ROCHA, Fabiano de Melo Duarte. **Linhas cubísticas, quebradas e funcionais: arquitetura moderna em Campina Grande.** In: Na urdidura da modernidade. Organizadores Nelci Tinem e Márcio Cotrim. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.

TRIGUEIRO, E. B. F.; CAPPI, Fernanda ; NASCIMENTO, Maíra . **Modernismo potiguar: vida, reprodução e quase morte.** In: 3 DOCOMOMO Norte-Nordeste: MORTE E VIDA SEVERINAS: Das ressurreições e conservações (im)possíveis do patrimônio moderno no Norte e Nordeste do Brasil, 2010, João Pessoa. Anais do 3º DOCOMOMO NNE, 2010. p. 1-26.

TRIGUEIRO, Edja. MEDEIROS, Valério A. S. **Of dwellings and streets that connect: a brief honey-moon.** Anais do ISUF 2007 -International Seminar on Urban Form. Ouro Preto, 2007.